



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII * N.º 305 * PREÇO 1\$00

AQUI, LISBOA!

Palavras do Vereador da Câmara do Porto, Dr. A. Correia da Silva

Começaram as passadas dolorosas, que têm ferido os pés de todos os fundadores, para se obter a aprovação das regras da Obra da Rua.

Em 1950, dez anos depois da fundação, a repetidas instâncias dos seus colaboradores, redigiu o P.º Américo o «Teor de Vida dos Padres da Rua.» A publicação dessas normas a que deu o nome de *testamento*, provocou reacções diversas nos meios em que se tornou conhecido. Alguns começaram a pautar por ali a sua vida e suas obras, e Deus têm-nos ajudado; outros reagiram ostensivamente. Era uma intromissão *inopportuna*! Fazer cristandade sem tabelas, voltar à pobreza evangélica, ir aos pobres que sempre viveram em barracas, ir ao povo que sempre foi relegado, isso não estava de acordo com as tradições, com a dignidade eclesíastica, com esplendor do sacerdócio e do culto.

Vieram cartas anónimas, houve reuniões secretas, representações, abaixo assinados. Foi assim no tempo de João Baptista. Sempre que é preciso abater montanhas ou encher vales, remem as rochas ao fogo dos explosivos. *Tu quem és? Com que autoridade é que fazes estas coisas?*

Mas o Evangelho não é de meias tintas e a verdade fica sempre de pé: *Eu vim trazer o fogo à terra. Quem quiser ser meu discípulo, negue-se a si mesmo. Eis que vos envio sem saca nem bordão... Dai de graça o que de graça recebestes.* Quanto não suam os comentadores para amoldar a letra a seus gostos! E, como a verdade é mãe do martírio, João Baptista ficou sem cabeça ao pretender corrigir os prepotentes; Cristo perdeu a vida por querer reformar a sinagoga. *És tu maior que o nosso Pai Abraão?*

Ora, se as normas da *Obra da Rua*, inicialmente compiladas para uso íntimo dos Padres que a servem, deram já tanto que falar, que se espera agora que a Providência mostra ser preciso tornarem-se norma duma família mais numerosa, a que o Direito chama — *Instituto Secular*.

A hora que passa, urge. Importa enquadrar a vida cristã em novos moldes. Fala-se numa reforma que, na verdade, se impõe. Não esperemos que ela venha de fora. Temos pensado pouco em que duas reformas se iniciaram providencialmente no mesmo dia: uma em Moscovo, outra em Fátima e simultaneamente em Roma.

Uma partindo do ódio, da destruição, da luta das classes contra o capitalismo sob o rótulo de protecção à miséria social; outra

partindo de Cristo, por intermédio de sua Mãe, tendo como armas o amor, a oração e a penitência, para chegar a *Um mundo melhor*.

O que Nossa Senhora não podia dizer aos pequenos pastores, tem no repetido o Papa (sagrado Bispo no mesmo dia 13 de Maio) aos Pastores da grei, aos governantes, aos sábios, bem como aos operários, aos Pobres e doentes, aos deslocados e perseguidos, nas suas diárias alocuções e Encíclicas.

Acaso tem sido ele suficiente mente ouvido? Cremos bem que não. Mas o Senhor há-de conservar-lhe a vida até que leve ao fim a reforma iniciada.

O que não conseguir pela persuasão há-de levar-se ao fim pela imposição.

Se o pedido para diminuir a pompa da veste, não for atendido, o remédio é pegar numas tesouras; se a pobreza do clero não for aceite amorosamente como norma apostólica, há que apertar

CALVÁRIO

Chegou o tempo de dar berço à Obra. É preciso que tenha um lugar aonde morrer cristãmente todo o homem que cristãmente nasceu. E não tem sido assim. Não tem acontecido assim. Os jornais falam muitas vezes do mendigo que foi encontrado morto no palheiro e na valeta. Outros morrem da mesma sorte sem os jornais darem conta. Nós, pessoalmente, temos apanhado do chão moribundos sem morada certa. É preciso acudir. No próprio interesse espiritual diga cada um que é irmão. Faça o que puder. Peça a Deus a boa vontade. Não fuja da ocasião. Temos aqui o *Calvário*.

Estivemos ali a semana passada a dar o primeiro risco na companhia do arquitecto Teixeira Lopes. Como já aqui se disse, trata-se duma aldeia. Um aldeamento. Casas sistema Património. Ao centro casa mãe. Não vamos implantar tudo duma vez, mas já fica terreno marcado para tantas quantas.

Também temos a capela e esta nos alicerces. É uma capela românica. Aproveitou-se pedra velha do antigo solar e é pedra velha que vai fazer a capela. Quem não souber dá-lhe três séculos. Fenêstras. A lucerna. Vitrais.

Por altar a pedra nua. Sítio aonde se reze e se chore. Uma coisa pede outra e estamos hoje

as malhas do crivo, nas portas dos Seminários; se o hábito das congregações religiosas não ceder às insinuações paternais, terá de substituir-se pelo hábito da Caridade... e por aí adiante!

Mundo melhor não será apenas uma palavra linda para figurar no Dicionário da T. C.. É um grito de alarme para uma reforma que não se fará sem sangue: *Eu vim trazer a espada*. Se se não aceita pela mão maternal da Igreja, virão outros reformar.

A *Obra da Rua*, apesar da modéstia das suas realizações e possibilidades, tem já o lugar marcado na campanha para um mundo melhor, no sector da miséria social a reduzir, além do mais que a Providência apontar. Logo que chegar a Roma, não de chamar por ela. Até os grandes que desejam o regresso ao Evangelho não de desseentar-se na frescura das suas fontes. Mas daqui até lá... O Calvário, o Cruz, o Martírio!

Padre Adriano

aqui a pedir. Os paramentos têm de condizer. Simplicidade e majestade andam sempre de mãos dadas, por isso ficamos à espera de uma colcha de damasco antigo. Uma de cada cor para paramento do dia. Um vestido que tenha sido antepassados, seda ou veludo dos pretos. Castiçais da mesma procedência. Na capela do *Calvário*, nada pode ser trivial. Nem o bonito, nem a casquinha, nem a fantasia, nem a profusão, nem nada que desorienta e distraia. Simplicidade para ser majestoso. É um lugar de oração.

Apenas tenhamos sedas que cheguem, avisamos para não mandarem mais. Apenas pratas, faremos o mesmo. Linhos, da mesma sorte. E vamos preparar o berço.

Não sei que impulso. Não sei que vitalidade. Quanto mais entrada em anos, mais desejos de começar anos! Sobretudo isto de dar que fazer é uma paixão. Trabalhadores humildes e resignados. A lareira quente. Filhos à volta. Quinzena certa. Como não há-de Deus abençoar as *empresas* dos semeadores de alegria?

Vai-se ver em Portugal mais uma coisa nova: Obra de doentes, para os doentes, pelos doentes. Sim, digo bem. Aquele de quem se diz não ter cura, cura-se a trabalhar no que é dele. Eis.

Não sou idealista em demasia. Sei que o caso reconhece causas várias e complexas e que por toda a parte, por todo este mundo tão cheio de luzes e de progressos, existem problemas do mesmo género, que talvez não seja possível resolver em absoluto. Creio porém que entre nós se descem mais do que seria humanamente admissível e — o que me parece pior — se acabou por criar uma espécie de cínico conformismo perante esta dolorosa situação.

E no entanto o Porto tem realizado obras de vulto, mas parece que tem sido mais grato levar a efeito realizações de outra índole do que sanear o subitolo social do Porto e banir para sempre da segunda cidade do país, a terrível «chaga» que é a «ilha», a habitação miserável, o pardieiro infecto em que se acumulam, em promiscuidade pavorosa, dezenas e dezenas de pessoas. Não é apenas o aspecto higiénico que interessa e que devia levar a acabar com essas verdadeiras infecções focais que a todos atingem, mas o aspecto humano o espectáculo dramático dessa miséria que nos impressiona e confrange.

Com quase trinta anos de Revolução Nacional — que em muitos sentidos transfigurou o país — num estado cristão, respeitador que o é, dos direitos humanos e defensor da família, esta situação constitui na realidade um verdadeiro escândalo.

Eu não venho aqui fazer um discurso subversivo. Falta-me disposição para tomar atitudes dessas, que aliás não seriam bem cabidas neste lugar, nem estariam de acordo com o meu pensamento político, nem com a minha habitual linha de conduta. Mas não posso deixar de pronunciar algumas frases amargas ao analisar este problema.

Mova-me neste propósito apenas o desejo de que esta vereação consagre todo o seu esforço à resolução dum problema que me parece ser o problema crucial do Porto.

A Câmara não poderá resolvê-lo só, mas solicite-se um auxílio mais amplo ao Estado — que o governo não há-de negar, por ser o primeiro a compreender e a sentir que um auxílio substancial ao Porto não se pode protelar por mais tempo — e recorra-se à iniciativa particular, condicionando-a, regulando-a, dirigindo-a, procurando por todos os meios — mesmo os processos revolucionários ou de emergência — solucionar esta contínua situação de perigo e de injustiça. E não se pode esquecer o movimento admirável do Património dos Pobres e dos Vicentinos

(Continua na 1.ª col. da página seguinte)

NOTA DA QUINZENA

A igreja da Golegã fica no meio da vila. É num largo. A estrada corta e passa rente. O pórtico diz a quem passa, que ela é manuelina. Muitas vezes por ali tenho passado a caminho de Lisboa, mas nunca entrei por ver a porta fechada. Desta vez não foi assim. Iamos na jornada do Alentejo. Porta aberta. Algumas pessoas no átrio. Disse ao Avelino que parasse. Entramos. É na verdade da era e do estilo manuelino. Não sei que segredo tinham os mestres daquele tempo. O risco deles sabe ao Eterno. Das suas linhas saíram casas de Deus e portas do Céu. Eram igrejas de rezar. A da Golegã é assim.

Não é aqui o sítio de críticas tão pouco nós temos elementos e ciência para o fazer. Não temos, mas fico triste. Fico muito triste ao entrar em certas igrejas novas e observar o que vai lá dentro e como elas são feitas por fora. Fico triste e não me quero afazer a elas. Só digo que os arquitectos que em nossos dias se metem a fazer igrejas, deviam primeiramente provar que sabem o catecismo e depois riscar.

Após alguns minutos de demora reparo em uma caixa à saída da porta que diz: *Esmolas para as obras sociais da paróquia.*

Nunca tal vi. Um apelo assim concreto, palpável, compreensivo, terreno, feito de carne e de sangue, não tem estado no costume das nossas igrejas. São os santos. São as alminhas. Caixa para tudo, menos para o que mais hoje importa.

Não conheço o actual prior da

Golegã. Não é preciso. Deste lugar e hora em que escrevo, peço licença para beijar humildemente as suas mãos de sacerdote. Na mesma atitude e igual intenção, peço a todos os habitantes da vila que animem e encorajem o seu pároco a estender o culto de Deus nas obras sociais da sua paróquia. Habitantes da vila. Crenças e descrentes. Naturais de lá e actualmente vivendo fora. Aonde quer que se encontrem. Quem quer que sejam. Ajudem o pároco da freguesia. Se não na caixa, lancem esmola no seu regaço. Ele quer trabalhar.

É uma graça de Deus que na Golegã haja quem compreenda e procure realizar a doutrina da Igreja por meio de obras sociais. Não devemos deixar passar a hora. É preciso temer Jesus Cristo. Ele pode não regressar...!

As letras da caixa de esmolas, têm de ser o ideal de todo o jovem sacerdote que sai dos nossos seminários. Digo da caixa de esmolas que vi na Golegã. Outras não interessam. O jovem sacerdote há-de sair com esta paixão e alimentá-la entre o povo que o Senhor lhe destina por meio da nomeação dos nossos superiores. A seguir ao altar e por complemento do santo sacrifício, têm de ser postas em prática as obras sociais da paróquia. Não certamente as mesmas em todas, mas sim as indicadas em cada uma. Elas são precisas. Não há povo nem lugar que as dispense. Não acudir aos que precisam é fomentar a miséria e criar revoltados.

Património dos Pobres

Foi uma semana inteira posta ao serviço desta causa, rumo ao Alentejo. Começamos pela entrega das seis moradias de Fajozes como os jornais do dia disseram a toda a gente. Estava o microfone. O largo era cheio de gente. Eu pedi orações. Pedi àquele mar de desconhecidos que rezassem. Que pedissem a Deus por palavras suas, para colocar nos meus lábios a palavra eloquente. Ia falar aos alentejanos. Naquela noite fomos ficar em Alcácer, no Lar do Gaiato Alentejano.

Estão ali duas dúzias deles, que trabalham nas matas a tirar resina. Foi assim que os encontrei a caminho de Cacém. O Morris rodava quando os meus olhos deram com um grupo de garotos a raspar pinheiros e logo disse—*são eles.* Não me enganei. Eram. Nunca os tinha visto tão pouco eles a mim. Pergunto nomes e terras; todos alentejanos. Dali a Cacém não levou muito tempo. As estradas são boas. Como todas as vilas e cidades do Alentejo, o branco predomina. Flores nas sacadas são o ornamento. Moura, neste ponto, leva a camisola amarela. Só Sevilha!

Outra marca das vilas e esta histórica, são os castelos. Mais ou menos arruinados, sim, mas cada um é uma página. Gostaria de saber dos seus feitos! Dentro do castelo está a igreja, em muitas partes arruinada. Mais páginas. Mais história. História de Portugal. Aviz é de todas a maior ruína porque também era de todas a maior obra: os Menges da Ordem de Aviz. Aqui há homens que se se lembram. Na sua meninice ia-se ao convento buscar livros para acender o lume e os comerciantes também os iam buscar para papel de embrulho! Isto basta para se julgar do que os homens são capazes.

A noite falei a um público escolhido no cinema de Cacém. Temos ali terreno oferecido pela Misericórdia. Há famílias que desejam oferecer casas. Comerciantes que querem dar materiais. Vicentinos que ardem. O pároco também está no seu lugar. Conhecedor de tudo isto, no final, peço a párocos e vicentinos que levanten a mão e prometam ali solenemente, que o Natal deste ano em Cacém vai ser festejado com a entrega das primeiras casas. Que sim. Tinha rogado ao povo de Fajozes e agora, ao de Cacém, peço a mesma coisa. Orações.

Nesta disposição e com este sentido sobrenatural da vida, tomamos o rumo de Viana do Alentejo. Dois sacedotes que parecem dois irmãos, de tão amigos, são o sopro espiritual daquela terra. Sem recursos materiais, operam maravilhas. Fomos ver as primeiras quatro residências, a entregar por estes dias; e ali assentamos de como se há-de construir mais oito porque o pai dá para mangas. É um terreno virado ao sol.

Vamos agora a caminho da Aldeia Nova de S. Bento. São dez mil almas. O pároco é um alentejano e não fica a dever nada aos colegas de Viana. A Junta dá o terreno que for preciso. Casas da natureza destas, são muito precisas. Ele é certo que a Câmara de Serpa mandou ali erguer um bairro. É que lindo que ele é! As rendas são acessíveis; mas acontece que muitos não lhes chegam.

Resultado: muitas casas por alugar. Entrei em algumas. Um caso: mãe viúva e duas filhas. Se não pagarmos no fim do mês (60\$0) temos de sair e vamos sair por não podermos pagar.

Outro caso; um filho de certa família resolve casar-se. Afoita-se e toma de renda uma casa do Bairro. Ele é novo. Conflita em si. Mas o mundo não corresponde. Os meios faltam. Não pode pagar. Resultado; regressa. Se já era um a mais na casa do pai, que dizer agora com a mulher e possivelmente filhos?! Resultado; famílias amontoadas. É assim em Aldeia Nova de S. Bento. Falei a um grande público no cinema e pedi ao grande público o seu interesse. Na igreja, foi a um escól. O mesmo pedido. Sem oração não há casas do Património. Elas são uma obra de Deus. Tendo pois falado ao povo, por último, na companhia do pároco, Junta e Câmara fomos ver terreno aonde as casas vão ser. Vinte delas, gémeas, abrigam quarenta famílias, isto para começar.

Temos agora Moura em frente.

O pároco manda recado e dentro em breve estavam Presidente da Câmara e Vicentinos. Ali também se toma por número um o caso do Património. Fomos ver terrenos que a Câmara oferece. Há ofertas de dinheiro. Boa vontade. E há muitos pobres. Muitos pobres. Muitos pobres. Alentejo e Ribatejo é a pátria dos pobres. Porquê? Por causa dos mais ricos. Mais nada? Mais nada. Vem lá agora Reguengos de Monsaraz.

Tal como em outros sítios, também aqui, publicamente peço ao povo que me ajude. Que Deus coloque nos meus lábios a palavra que faça lume. Que corte as almas. Que comova, e transforme e provoque lágrimas de arrependimento. É preciso que Cristo reine pelo culto de seus pobres. É preciso dizer que não há diferença nenhuma entre o Cristo vivo do Sacrário e o pobre da Barraca. Verdade Eterna. Verdade de fé Divina. Porque divina, tem de ser espevitada e alimentada pela fé. Sim. Que Deus coloque nos meus lábios a Revelação. Uma senhora de Reguengos vai oferecer dinheiro para cinco casas. Outra senhora de Reguengos não discute e deixa cortar o terreno que for preciso. Outras famílias de Reguengos estão abertas. Pároco tem a voz do comando. Autoridades marcam presença. Ninguém duvide. Está chegada a hora. Os pobres de Reguengos vão ser libertados.

Aviz já tem casas. Casa alentejana. Pequena. Alrosa. Casa à moda do Alentejo. É preciso que sejam à moda de cada terra as casas que se fazem em cada terra. Que o pobre conheça a casa e a casa conheça o pobre. Há duas em Aviz, sim, e como o terreno dá para mais sete, assentou-se em fazer mais sete.

Agora é Castelo Branco. Vimos ali nove feitas. Muito espaço. Muitos filhos. Pergunto aqui e ali. Era tudo gente da Barraca! Como viveriam...?

Vila Nova de Tazem estava agora no nosso mapa. Há duas casas a entregar brevemente. E assim fechamos a semana. No próximo número daremos notícias doutras viagens.

FESTA DE ANOS

Foi no dia 23 do p. p. mês de Outubro, que o Pai Américo completou 68 anos. O tempo vai rodando, não perdoa, mas ele não caminha para o fim, mas para o princípio. Esta fase serve simplesmente para nossa preparação.

Ninguém duvida a morte, isto é, o encerramento dos olhos e paralização dos membros e dos sentidos, que nos indica o fim da missão, a morte ou a vida, vem depois. Depois de fecharmos contas. Conforme o saldo que apresentamos: negativo ou positivo.

As preocupações, os trabalhos, que o Pai Américo tem tido com nós e nossas casas, fazem-lhe criar abundantes cabelos brancos. Parece para lamentar, não parece?

Continuação da 1.ª página

que, animados pela chama arrebatadora do Evangelho, cada dia se afirmam mais, como um milagre e uma esperança. A Câmara não pode deixar de lhes dar o seu auxílio, ajudando-os na sua obra benfazeja, porque todos os esforços serão poucos para uma obra tão grande e tão justa!

Se há problema que merece o nosso esforço, a nossa dedicação, é o de transformar a habitação miserável onde apodrecem milhares de corpos e se aviltam e corrompem milhares de almas, nessas habitações luminosas e limpas que há dias tivemos a felicidade de visitar e onde podem livremente florescer a virtude e a esperança.

Pois, não. Graças a Deus! Os cabelos brancos são o doutoramento da natureza!

Um dia de anos é sempre de festa, de alegria, de louvor ao Senhor, por ter permitido chegar a determinada quantia.

Pois nós festejamos os anos do Pai Américo e muito bem. Foi um programa completo.

Dia 22: o salão de festas enfeitado, não faltando uma grande fotografia sua, cenários prontos e o nosso grupo cénico em acção. Veio à cena o drama em três actos: O «Filho Pródigo», no qual intervieram e se destacaram: Cândido Pereira, Augusto Barroso, António Machado, António Neto, Alberto Ramada.

A fechar, um acto de variedades com os mesmos, a gaita de beijos do Areosa e o piano do Sejaquim. Passamos uma vista de olhos pela oficina e vimos à boa vida: chefe da composição, Cândido Pereira; chapeiro, Celestino Silva; composição de cheio a cargo de, António Machado; distribuição de, Augusto Barroso; empastamento no qual é ás, António Neto; limpador de máquinas: António Jorge, varredor da oficina, Alberto Ramada, paginação a cargo de Daniel Silva.

Assistiram todos os desta nossa aldeia, com o Pai Américo à frente, irmãos do Lar do Porto e muitas pessoas de fora, que sempre gostam de nos ver actuar.

O centro da festa, como não podia deixar de ser, foi na nossa capelinha, onde fomos de visita

(Continua na quarta página)

ISTO É A CASA DO GALATO

... Vamos por aí abaixo no *Morris* em direcção ao Alentejo e paramos em Samora Correia para meter gasolina. Ao volante era o Avelino e por passageiros o Teles com sua mulher. Saímos todos do carro. A hora convidava. O homem da bomba pergunta quanto e ao tempo que o carro bebe, o Teles levanta a voz e afirma — *estas bombas roubam mais do que as antigas*. Ouvi estarrecido por causa do verbo roubar. É uma palavra dura e perigosa. Repreendi. Mas o Teles não. O rapaz foi decisivo e repete a afirmação — *rouba mais*. Avelino que estava ao pé e costuma ser sempre o derradeiro a falar, Avelino também diz o mesmo; *sim, roubam mais do que as outras*. Nesta altura, o empregado já tinha espremido a mangueira no depósito, apontado a quantia e preparava-se para receber o seu dinheiro.

Cuidava eu que o homem não tinha escutado as afirmações atrevidas dos atrevidos rapazes, pelo que me dava por contente; sarilhos bastam os de casa. Cuidava *sim*, mas enganai-me. O da bomba tinha ouvido tudo e enquanto confere o dinheiro, vai dizendo claramente — *sim, estas roubam mais do que as antigas!* Agora não era o medo; é *sim* o espanto! Pois quê? Ele será possível que todos saibam o que Teles e Avelino me disseram e todos continuam a de xar se *roubar* na estrada? Uma vez dentro do carro, oiço a explicação. Foi o Teles. O Teles tem sempre a palavra à flor. Explica como é. Como era nas antigas e agora nas modernas. Mas eu não percebi nada. Não quero perceber. Admirei a sagacidade, ouvi os descobridores e assim entramos no Alentejo.

Enquanto por lá, não me lembro de ter tido a felicidade de tomar uma refeição em conjunto; eles era em pensões e eu em casa do Prior ou noutras por ele indicadas. Não era esse naturalmente o meu desejo; ou todos na pensão ou todos na mesma casa particular. Isso é que eu desejaria. Mas veio a hora. Já a caminho de casa, juntamo-nos todos a uma mesa na pousada de S. Lourenço, tendo subido a serra por Manteigas e descido por Gouveia. Enquanto esperavamos pela hora, vejo um cachorro e peço para o comprar. Era do empregário, um homem baixo, novo, barba feita, bem falante. Veio ao pé de nós e disse-me que tinha muito gosto em dar o cão. Avelino paga a conta, ele aceita e devolve dentro dum envelope! A saída vêm as cozinheiras, criadas de mesa, um criado, hóspedes. Despedem-se de nós com saudades quasi amigos de longa data. O empregário toma a palavra e pede que eu conduza ali uma camioneta cheio de rapazes e ele lhes dará um almoço! Foi o remate. Daí a momentos começávamos a descer a serra. Também nós levávamos saudades no peito da boa gente que ali deixamos.

... Era noite quando chegamos a Paço de Sousa e deu-se o inevitável. Foi o cão. Foi o cachorro ao qual no caminho, se dera o nome de *Dado*. Quando mal me acordou, o *Dado* estava sendo discutido e puxado por uma grande dúzia de rapazes nomeadamente os da cozinha. Cada qual o pre-

tendia para si e o movimento continua. Temos tentado mais vezes cães da serra para guardar a nossa aldeia e falhamos. Falhamos sempre. Não é o cão. São as meiguices. Com elas tornam-se meigos e adeus cão de guarda.

... Com o *Marão* que já tinhamos e o *Dado* que temos agora, apareceu mais um. É o *Piloto* que vem exercer a função de guarda do pombal. Não são somente os das bombas da gasolina, por aqui também há ladrões de pombas. Vieram por duas vezes. Roubar uma pomba! Pois temos agora um guarda na sua casota. Aonde falta a consciência, haja o medo ao cão. Eu gosto de ver o rapaz a defender os seus interesses por todos os meios, ainda que seja um cão. Foram arranjar-lhe. Fizemos a casota. Puseram-lhe um nome. Dão-lhe de comer. Não é preciso licença de ninguém. As coisas sãs não se pedem. Executam-se e acabou.

... Quando chegam encomendas postais, não as abro nesse dia. Espero que venham outras e depois *sim*. Chamo dos mais pequenos, digo-lhes que vão por cestos à senhora da rouparia e como não tenho canivete, mando-os por uma faca ou umas tesouras. Não tenho canivetes porque o rapaz não lhes resiste. Há coisas que é impossí-

vel. Guloseimas, selos, distintivos, medalhas, lápis de cor, canetas. Não lhes resistem. Pois eu mando buscar os cestos, chamo meia dúzia e faço a experiência. Nunca vi nenhum indiferente às peças das encomendas. Não há nenhum que não olhe, escolha e peça — *dê-me isto*. Eles têm tudo de tudo, mas não têm aquela coisa e querem-na; *dê-me*. Chegados à rouparia sabem de antemão que a senhora lhes tira a coisa. Não importa. O rapaz viu, escolheu, pediu, quis. Teve a posse por algum tempo e espera tornar a possuir. É a natureza. Estes rapazes agem consoante a sua natureza; *dê-me isto*. Lição: o despreendimento das coisas terrenas é contra a natureza. Só por um esforço constante. Só por virtude é que nos desprendemos e contudo só é feliz quem se desprende!

... Não é segredo nenhum porque o crónista Daniel o disse. Fiz anos. Como na festa derradeira, também desta vez vieram telegramas, mas hoje mais. Muitos mais. À maneira que a Obra se espalha aumentam os amigos dela. Nenhum texto se referia à minha pessoa; são tudo hinos à Obra! Salvo raras excepções não conheço ninguém e mais todos assinam. Há colectividades. Um era muito engraçado; de certa terra o hotel X com todos os hóspedes e todos

os seus criados. Ainda outros também com muito interesse; Funcionários dos C. T. T. por onde passavam mensagens, também se metiam nelas! Tudo isto quer dizer que a obra está garantida. A sua continuação está assegurada. Quanto mais eu diminuo em forças mais ela cresce em vida. É preciso mesmo que eu deixe de ser para que ela alcance a sua plenitude. É natural. Quando o sacerdote se esconde, a Igreja aparece. Quando Cristo é revelado, não é necessário conhecer o revelante. Cada vez maior, porque cada vez Cristo mais conhecido. E se todos os pregadores pregassem Cristo? E se as *igrejinhas* dessem lugar à Igreja?

... Dois vendedores do Famoso, zangaram-se por causa da venda. Um *roubava* fregueses ao outro e assim começou a cara feia de ambos. Eis de como eles se compuseram. São o António tipógrafo e o Joaquim, empregado no Bazar Central, aos Clérigos. Oíçam:

«É possível que tomes por ouzadia, eu dirigir-te tal carta e tais palavras, mas podes crer, que se o faço é impellido por um dito, que ao meu coração voltou: «Verdadeira amizade». *Sim!* A verdadeira amizade, que em ti vou depositar, o que há muito vivia, ignorando-a e admiro-te, por seres possuidor de uma coragem que eu jamais tive. Para me sentir e viver feliz das minhas culpas, várias vezes tentei falar-te, mas todas as minhas tentativas foram em vão, porque em tal momento, fugia de mim a força e a coragem. Durante o nosso silêncio, jamais a alguém falei de ti, e sinceramente te transmito que, apesar do nosso silêncio, que muito lamento, jamais em mim, permaneceu ódio para ti reservado. Não! Não te odiava! E sempre te considerava no meu pensamento, como um amigo, e autêntico irmão, porque de facto assim o é. Permanecemos e vivemos por longo tempo, debaixo do mesmo tecto, alimentávamo-nos da mesma comida, e chamo *Pai*, àquele a quem tu, já chamaste, e ainda chamas, e portanto sendo ele nosso *Pai*—*Américo*— nós sem dúvida que somos irmãos. Vivo pois radiante, por ter ao meu lado, um irmão querido, que possui uma força, e coragem, que em mim jamais existiu. Lamento mesmo, o nosso tão longo silêncio, e várias vezes tentei fazer-lhe paragem, para não se prolongar, mas a minha força e a minha coragem, eram superiores e atiravam ao abismo todas as tentativas que me rodeavam, até ao momento, em que a tua coragem, e a tua força te obrigaram a tomar tal atitude, mostrando-me assim a tua amizade sincera. Amigo irmão; lamentamos o tão triste espectáculo com nós passado, mas faz por tudo isto esquecer, e arruina tais pensamentos do teu coração, para que se sintas feliz e perdoado da cena que praticou.

E com um sorriso nos nossos lábios, o qual sorriso revela pura amizade para futuro, e com tal sorriso, pronunciamos, e tudo esquecemos:—O que lá vai—lá vai.

E com o meu coração a transbordar de alegria, por encontrar um meu irmão querido, há muito perdido, termino, mais uma vez pronunciando:

—O que lá vai—lá vai.

ANTÓNIO MARTINS

Noticias da Conferência da nossa aldeia

FESTA D'ANOS—Como é costume, no dia 23 de Outubro aniversário do nosso Pai Américo, oferecemos um farto almoço aos pobres visitados pelas Conferências de S. Vicente de Paulo de Paço de Sousa. A convite assistiu uma família muito amiga da cidade do Porto que não revelamos o nome por via de não ferirmos a sua modéstia.

Tudo correu bem, graças a Deus. Não faltou, como sempre, alegria e boa disposição. Foi sopa muito apetitosa e arroz de boa qualidade. A sobremesa, doce. Surgiu, aqui, um facto que já não é inédito: uma corrida aos papeis! Papeis de embrulho. O coração do Pobre é sensível como os demais e vá por isso quiseram levar um bocadinho de doce para casa. *É prá minha menina. É prós meus filhos*. Abençoado amor!

Antes de nos deixar, *Pai Américo* entregou uma moeda de prata e uma regueifa a cada bico e foi depois para Galegos semear alegria no coração dos seus pobres. Abençoado aniversário! Deus queira que se repita por muitos anos.

Recortamos duma carta os seguintes períodos: «Anexos seguem dez selos de 1\$00 para a Conferência da nossa aldeia. Juntamente com o dinheiro, os visitados contemplados poderão ter a certeza de que, além dos poucos escudos, vão também a boa vontade e as orações de quem pede uma *Avé-Maria* para um dia vir a ser um sacerdote segundo o Coração de Jesus.» Boa vontade e orações. Que Deus nos oiça, a bem da Igreja e dos pobres. Armando Augusto Afonso, do Porto, 10\$00, Berta Fonseca, de Barcelos, o dobro. Lucin-

da Moreira, amiga e cliente da nossa Tipografia, pagou o livro e o *excedente* (30\$00) pede que o deem a um dos pobres de preferência a um canceroso em sufrágio da alma do meu querido *Pai* e pelas melhoras de minha Mãe. Estas cartas são de todos os dias e «O Galato» o sítio delas. *Mais alguma coisa para a Conferência* (20\$), de assinante 20.885 de Aveiro. Manuel Ferreira Soares, do Porto, 30\$00. Assinante 3.459, também da cidade do Porto, 50\$00. Francisco da Silva Alves, idem. Do assinante 7.651, 20\$ e um pedido de orações para seu Tio. Temos, agora, outra carta:

«Meus caros amigos: Devem supor-me esquecida da minha promessa de contribuir mensalmente com 10 escudos para os vossos pobres. Não sucede assim pois aqui junto a importância de 60\$00 referente aos meses de Abril a Setembro, inclusivé, e desculpem a demora, *sim?*

Com os meus cumprimentos para todos vós, sou a leitora e assinante do vosso simpático Jornal.

Uma portuense

P. S.—Digam-me se lhes interessaria receber os números atrasados de Selecções para a vossa biblioteca.»

Sim, Senhora. A nossa biblioteca recebe de bom grado quaisquer livros, de boa leitura. De Lisboa recebemos 300\$00 que se destinam aos pobres da conferência. Os costumados 20\$ do assinante 17.022, modelo de persistência. Da assinante 17.165, 100\$00. E mais nada. A todos, como sempre, os nossos agradecimentos.

Julio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO FESTA DE ANOS

(Continuação da segunda página)

PAÇO DE SOUSA Já temos dois cães. Foi o Pai Américo que os trouxe. Um foi dado ao Abel, o mais pequenino. O outro é para guarda da quinta, em substituição do marão que está a pedir reforma, pois é bastante velho! O do Abel está todo o dia no pomal e o outro anda por aí. Por do Abel ser pequeno, uma autêntica b. l. todos lhe chamam *sejão frade*. Ou *grão de bico*. Ao outro foi posto o nome de *Dado a de Tejo*. Vamos a ver qual deles pega. É uma desordem com eles. Todos querem pegar neles, dar-lhes de comer, que e sejam nas suas oficinas. O substituto do marão não gosta muito de cöcegas e promete...

—Comçaram as aulas. Todos estão com vontade de aprender. Os pequenos é que não apreciam lá muito, porque sempre vão caído uns bolitos... Aproveito também a ocasião para dizer que o Carlos Infante já rege o curso nocturno

Veram cá os andebolistas do Futebol Clube do Porto, e a homenagem ao Pai Américo, que no passado dia 23 completou 68 anos. Foi por intermédio do jornalista Senhor Rodrigues Teles, que juntamente com um director do grande Clube tripeiro efereceram uma bola de futebol e uma colecção de jornais do Porto. Por meio dos jovens andebolistas, vinha o maior de todos os tempos. Henrique Fabião, a quem tivemos a honra de entrevistar para a "Voz dos Novos" incitou nos a criar uma secção de andebol prontificando-se para ser o orientador.

Todos estes amigos são leitores do *Melhor do Mundo*, por isso andam ao corrente da nossa vida e todos os nossos mais sinceros agradecimentos e que continuem a ter muitos êxitos como até aqui.

—No passado domingo defrontamos os do Lar do Porto, a quem vencemos pela expressiva margem de 5-1. Eles estão muito fracos, nem sequer oferecem resistência. Os nossos até desanimaram... (que me perdoem os do Lar do Porto, mas primeiro têm que se nar muito). Zé Fê, Lourenço, e Waldemar é que jogaram menos mal.

Apresentamos: Trofa, (depois Pastelão); Quim, Augusto e Presidente: Domingos (depois Daniel), Cândido Pereira; Cerqueira, Daniel, (depois Domingos). Se afim, Rui e Carlitos. Os melhores: Cândido Pereira, Rui, Augusto.

—Recebemos da Casa Carlos Cardoso uma boa porção de Tomorim. Para se avaliar a qualidade do produto basta dizer que os ratos, dantes aos montes, desapareceram. Obrigado à Casa Carlos Cardoso.

DANIEL BORGES DA SILVA

COIMBRA Retimados leitores, escusado é dizer que me encontro já há algum tempo, mais os meus companheiros a estudar nesta cidade.

Ao iniciar este novo ano lectivo, não podia de maneira alguma deixar de sentir mais uma vez, o amor e a dedicação que muitas almas generosas nos dispensam, só por sermos da Casa do Gaiato, lixo das ruas que o Pai Américo apanhou para nos fazer bons cidadãos, homens de bom carácter e úteis à sociedade.

O Pai Américo sem o auxílio e dedicação de corações generosos pouco teria feito. Mesmo ele, não quer que a Obra seja apenas sua, mas sim de todos. Quer que todos os que podem, contribuam, para assim a Obra da Rua chegar a tal ponto.

Mas, o amor, o carinho e a dedicação de que presentemente somos alvos, faz-se sentir no Colégio Pedro Nunes onde estudamos.

Se não fosse o grande amor que a Senhora Directora nos tem, não se teria formado em direito o Sr. Dr. Herlander, que seguiu para África, pois foi neste colégio que ele fez o curso do Liceu; nem o Zé Eduardo teria feito o 5.º ano, assim como o Carlos Inácio e nem nós andaríamos a estudar. O ano passado eramos quatro. A Sr.ª Directora disse já ao Sr. P.º Horácio que não se importasse com o número e mostrou até grande empenho em se matricular também o Salvateira que irá fazer a 4.ª classe e a admissão ao Liceu.

De todos os nossos rapazes que cá têm andado a estudar ainda nenhum perdeu um ano, pois o Colégio é muito bom instructor e educador, todos os seus professores são de fama e ensinam muito bem.

Somos portanto, a esta senhora, devedores duma grande dívida, que não nos é possível pagar com palavras. Porém, não ficará sem recompensa. Deus castiga e premia segundo as obras de cada um e a recompensa será grande no Céu, áqueles que praticam o bem.

A senhora Directora e a todos os professores e professoras do Colégio «Pedro Nunes» os nossos mais sinceros agradecimentos, assim como a todos os nossos benfeitores que nos amam e nos querem bem.

—Continuam também a frequentar o Curso Commercial nocturno, o Formiga, Machado e Tónio. Temos portanto no nosso Lar oito estudantes por isso a necessidade de material escolar é muito grande.

Não se esqueçam também de nos enviarem roupas, pois o frio já começa a apertar. Assim como também não vos deveis esquecer da nossa Conferência. Lembrai-vos do que sofrem os pobres no inverno com a chuva e com o frio.

Sem mais os nossos agradecimentos e até a próxima se Deus quiser.

Carlos Manuel Trindade

LAR DO PORTO Conferência:—Não são raras as vezes que os pobres vêm ter connosco em situações aflitivas e quase sempre por via do senhorio. Chôro, mãos na cabeça e um alinhavado de palavras, porque o senhorio os vai pôr na rua por falta de pagamento. Isto tem sido assim, e ainda o foi esta semana, e continuará a sê-lo em quanto cada um não tiver a sua casa ou providências sejam tomadas. Vêm pois até nós implorar que demos um jeito e evitemos a ameaça. Sim, nós somos a fonte que geralmente seca as lágrimas daqueles pobres! Se umas vezes assim, outras há que não, por via da falta de recursos e não termos forma de lhes valer. Assim acontece esta semana, sem contudo deixarmos de nos avisar com os senhorios; tomarmos responsabilidades e pedindo o favor de esperar. Sim, tem sido assim, mas muitas vezes eles desandam a dizer que têm as suas contribuições e que o Pai Américo tem muito dinheiro, etc. etc. Esquecem-se estes senhores que as nossas Conferências Vicentinas sendo um todo da nossa Obra por via da formação do rapaz, são, também, uma coisa independente, vivendo da quotização dos seus subscritores e da generosidade de alguns benfeitores que nos vão ajudando na forma das suas possibilidades. Esta a verdade. E nem nós nem o Pai Américo tem obrigação de valerem a estes infelizes, mas sim todos. Um todo colectivo, humano e caridoso, se nos juntarmos e valerem aos desprotegidos da sorte. Assim, sim! De contrário, quando nos não auxiliarmos por força e com o coração a sangrar, de dizer que não. É amargo mas não temos outro remédio. Nós vimos pagando há meses a renda a uma velhinha «entrevida e sepultada (em vida)» no Barredo São 30500! Não é essa importância que nos doi, mas sim entregarmos essa importância a um que nos procura e tem milhares de contos nos bancos e nos cofres. Tem graça que esse mesmo senhorio foi quem me pôs a mim, à minha mãe e mais dois filhos, num dia de muita chuva, na rua, juntamente com os cycos. Não valerem de nada as palavras de aflição de uma pobre mãe. Por isso eu abraço com todo o amor esta nobre missão e patte-se-me a coisa quando

vejo da mesma forma outras mães que nos pedem enforcadamente que lhes ajudemos. E pergunto a mim mesmo que diferença faria no orçamento deste homem 30500 a mais ou a menos? E ao caso da velhinha? No entanto se não fossemos nós... coitadinha da pobre O Património dos Pobres é por isso uma Obra de tal alcance que não tem paralelo com qualquer outra obra social. Mas não só para os pobres uma casa de graça; operários e empregados, todos quantos tem salários que não lhes dê para poderem viver, deveriam ter pelo menos uma habitação própria, cheia de ar e luz e compatível com o orçamento de cada um. O problema da habitação está de tal forma, que muitos pagando rendas elevadas, incompostíveis com a sua bolsa, vivem no entanto em «churnes», de tal ordem, que mais teriam utilidade para recolha de entenas. Casas imundas em sítios imundos e de cá 300500 350500 ou 400500, porque por menos preço, só praticando campismo... Mas, quando um indivíduo se vê na necessidade de procurar uma casa, esta não se consegue sem dois meses adiantados, 100500 para caução de água e luz e fiodar à cabeça! Pergunta-se:—Tem o operário ou empregado cujos salários mensais raras vezes vão além dos 1.000500 possibilidades de entrar com quasse essa importância p/ra mer de alugar uma casa? E de ficar sem camisa! Quando virá o dia em que cada um tenha a sua casinha, habitação habitável e compatível com o salário de cada um? O que se está passando é um desastro e para a qual se pede a medidas urgentes e enérgicas. O caso não é de fácil de solucionar se todos quizessem; bastaria que para tal se tomassem as seguintes medidas:—

1.º—Que se fizessem mais casas, pois terreno não falta;

2.º—Que essas casas impossíveis de serem habitadas, fossem destruídas;

3.º—Que fosse criada uma comissão de vistoria, de que além de verificar se a habitação estava em condições de ser habitada, estipulasse também o máximo por que ela deveria ser arrendada.

Carlos Veloso da Rocha

NOTAS DE VIAGEM

Na companhia do Pai Américo, do Sérgio e do africanista Amadeu Mendes, irmão do Júlio, afim de castigarmos os maus ligados que temos. Se Lopes ao volante, Pai Américo ao lado, nós dois a trás e Morris em andamento. A manhã está fusca como que a dizer-nos que temos chuva. Comentários dos componentes do nosso grupo: Que tristeza! O Gerez é tão feio com chuva!

Carro em bom andamento. As terras vão passando: Paredes, pequenino jardim que ajuda a enfeitar este Douro Litoral, Vizeia, Guimarães, Taipas. O nevoeiro está a desaparecer progressivamente perante alegria de todos. O tempo vai alizando. Passamos a capital do Minho sob os raios solares e chegamos ao Gerez com um dia esplêndido. A primeira coisa que aqui fizemos foi papar o almoço. Depois meter o carro na Garagem, pois neste meio usa-se o péssimo costume de furar e riscar os veículos. O ano passado muitos foram os lesados. Aqui, acolhe-nos um velho muito simpático, o Senhor Belmonte. Tem 70 e tal anos, mas é um homem rijo e valente, com espirito jovem: *Ora vivam os nossos amigos! Fizeram boa viagem!* O rapaz mais lindo é aquele, apontando o Amadeu perante a galhofa dos outros. A verdade é que o *Ti Belmonte* tem razão. O Amadeu Mendes é mesmo muito simpático. Encontramos aqui muitos amigos que arranjamos o ano passado. *Chevramos* como é nosso costume, todos os cantos: parques, vacaria, viveiros. O das trutas também não nos escapou. Podíamos ter os nossos rios abastecidos deste peixe se não fosse a pesca criminosa. Estragam envenenando seus leitões. Dali demos um passo à fronteira, tendo até o atrevimento de penetrar no

que pertence a *nuestros hermanos*. Se mais para diante não fomos deve-se à guarda civil que estava de olho alerta. *Morris em forma* e a comitiva a apreciar as maravilhas que a serra oferece. Aqui e ali cortiços de abelhas, sendo a maior parte pertença dos guardas dos Serviços Florestais. Estes têm feito obra magnífica: Estradas para os turistas visitarem os pontos mais pitorescos da serra. Esta encontra-se completamente coberta, o que a torna muito linda. Por todos os lados se vêm regatos de límpida água, outra grande riqueza, que dá vida ao manancial interminável de árvores e arbustos.

Não fosse a perícia do condutor e teríamos um cão morto. Lá ficou de boca aberta, a respirar com intensidade devido ao calor que fazia e a agitar a cauda em tom de agradecimento. Vem-nos logo à lembrança o *Tope*, o *Nero*, o *Toupeira* e o *Marão* «senhor» da nossa aldeia e arredores...

Visitamos as pontes sobre o Rio Caldo que corre para a Barragem da Caniçada. Aqui temos um antigo companheiro, o José Constantino, o qual expressivamente cumprimentamos. Não visitamos o interior por não ser permitida a entrada. Contentamo-nos em ver por fora e já não perdemos tudo.

A sua construção que custou milhares de contos, veio a fazer com que ficasse submersa a povoação de Vilar da Veiga. O cemitério também não escapou. Os irmãos que lá descansavam tiveram que *mudar de lugar*. O que ontem era graciosa aldeia, é hoje um mar de águas. Para pagar as moradias que passaram a fazer parte da albufeira, teve a empresa exploradora de fazer novas construções em pontos mais altos.

DANIEL BORGES DA SILVA

e dar graças ao Jesus Operário. O Santo Sacrificio foi celebrado pelo Pai Américo, coadjuvado pelo Sr. P.º Carlos. Aqui é que é o melhor sítio, o mesmo escolhido, para entrarmos em contacto, conversarmos um b. cadinho com Aquele que nos fez do nada. Se assim não o entendermos, seremos estereis como aquela figueira do Evangelho. Os nossos alicerces para serem fortes, têm de assentar na Doutrina da Igreja que é a de Cristo Jesus. «Pedra, tu és pedra e sobre ela edificarei minha igreja». E não foi Pedro um humilde pecador? O Senhor é amigo de todos e de todos os tempos: sejam tipógrafos, carpinteiros, serralheiros, sapateiros, alfaiates, etc.. O trabalho é fonte de virtude. Façamos neste dia, o propósito de cumprir nele.

O trabalho serve para torneir as mazelas da nossa alma. É por ele que subimos a escada mais alta da vida.

Nossos irmãos de joelhos em terra e as cerimónias vão-se desenvolvendo no Altar do Sacrificio. Estamos no momento do ofertório. Aproximam-se alguns irmãos para levar o vinho e o pão, que daqui e instantes serão o corpo e sangue de Jesus, as sacras e os castiçais de prata, oferecidos pelos rapazes que já auferem ordenados do Lar e desta casa e um irmãozito da tipografia leva numa salva de prata, o jornalzinho feito só por rapazes, que publicou um número especial alusivo à festa.

A homilia, Pai Américo falou, como só ele sabe, das nossas obrigações e nossos deveres naturais e sobrenaturais. «Confissão, eu me confesso a Deus Todo Poderoso», anuncia a aproximação do banquete Eucarístico. E momentos depois muitos dos nossos irmãos faziam Altar de Sacrificio de seus corações, ao receberem o Corpo, Sangue, Alma do Senhor Deus dos Exércitos.

Acabado este acto, Pai Américo foi por nós apresentado a alguns dirigentes do Futebol Clube do Porto, jornalista Sr. Rodrigues Teles e jogadores de andebol do mesmo clube, o qual é campeão nacional há 14 anos consecutivos, que cá vieram, em sua homenagem fazer um jogo.

Foi nos também oferecida uma bola de futebol, que o Pai Américo muito agr. deceu. De louvar o esforço empreg. do pelo Ex.º Senhor Rodrigues Teles, para trazer até nós estes ilustres amigos. À tarde realizamos um desafio de futebol com os do Lar, aos quais vencemos por 5-1, tendo alinhado, Trofa (depois Pastelão); Quim, Augusto e Presidente: Domingos (depois Daniel) e Cândido Pereira; Cerqueira, Daniel, (depois Domingos), Serafim, Rui e Carlitos.

O jantar foi melhorado. Todos estavam contentes, alegres.

No fim deste, apareceu um conjunto regional, composto por elementos do lugar de Bairros, desta freguesia.

Veio também a música de Cete, que nos deixou muito contentes, assim como o Pai Américo. O nosso sincero muito obrigado a este conjunto musical, que sempre comparece a festas deste carácter. Os nossos melhores agradecimentos, parabéns pela escolhida música e votos para que tenham intermináveis êxitos.

Daniel Borges da Silva